



ABTG e Senai discutem as novidades da 16ª Drupa

Seminário reúne especialistas para apontar as principais tendências da maior feira da indústria da impressão.

Entre os dias 27 e 29 de junho foi realizado, no auditório da entidade na Theobaldo De Nigris, o *Seminário Pós-Drupa – A Drupa vista pelos especialistas da ABTG*. As discussões foram dirigidas por **Bruno Mortara**, superintendente do ONS27, diretor técnico da ABTG Certificadora e professor de pós-graduação na Faculdade Senai de Tecnologia Gráfica, e **Bruno Cialone**, também docente no Senai, que acaba de assumir a presidência do Conselho Consultivo da ABTG. Cerca de 250 pessoas assistiram às palestras.

O primeiro dia foi dedicado à embalagem, o segundo ao editorial/promocional e o terceiro à discussão de tendências. Como sempre acontece, a feira recebeu várias definições e o seminário apontou pelo menos quatro: Drupa da embalagem, do pré-tratamento (do papel), do papelão ondulado e Drupa do *gamut* estendido. Lembrando que são os donos das grandes marcas como Unilever e Procter & Gamble os norteadores do setor e que eles vêm ampliando a personalização das embalagens com foco na regionalização dos produtos, Bruno Mortara ressaltou a extensa gama de soluções para atender essa necessidade, especialmente em se tratando

de tecnologias digitais. Estavam lá novas impressoras, tintas, substratos e sistemas de acabamento prontos para atender a demanda por embalagens customizadas, incluindo a impressão de QR Code e circuitos impressos NFC. Para o nicho de embalagens flexíveis e micro-ondulado, vários fornecedores imprimiam direto sobre papelão e garrafas PET.

Mirando a rentabilidade, a busca por novos efeitos na impressão e no acabamento levou os substratos a um novo patamar. Filmes plásticos híbridos, substratos metálicos e especiais chegam para criar novas oportunidades. O mesmo aconteceu no campo das tintas, toners e vernizes, com tintas de secagem rápida e aderência em diversos substratos para embalagens de alimento e toners fosforescentes, metálicos e brancos com alta opacidade.

PRESENTE E FUTURO

Bruno Mortara viu como tecnologias já consolidadas as impressoras digitais formato B2 (500 mm x 707 mm), apresentadas como protótipo em 2012. Como exemplo ele citou a Fujifilm J Press 720S, a HP Indigo 12000, a Konica Minolta KM-1 e a Komori Impremia IS29. Adaptadas para imprimir em cartão, as

novas máquinas jato de tinta — com exceção da HP Indigo 10000 e seu *upgrade*, a Indigo 12000 —, ajudarão a expandir o mercado, porém com a incógnita do custo dos consumíveis e dos suprimentos.

Ainda em versão preliminar, estavam expostas impressoras jato de tinta formato B1 (707 mm x 1.000 mm) como a Primefire 106, da Heidelberg, e a S10 formato B1, da Landa. Tanto as digitais B1 quanto as B2 têm em comum o fato de serem produzidas a partir da integração de empresas com experiência em transporte de papel, como Heidelberg, Komori, Ryobi e KBA, e de fornecedores de cabeçotes reconhecidamente eficientes, como HP, Kodak, Fujifilm, Konica e Xerox (Impika). “A Primefire é uma XL 106 com cabeçotes digitais”, comentou Bruno. E aqui o destaque é o cabeçote Samba, da Fujifilm, usado por pelo menos seis fabricantes, incluindo a Landa, que conseguiu aumentar significativamente sua velocidade.

Seguindo no capítulo impressoras jato de tinta, o especialista enfatizou as máquinas de alta produtividade e preços abaixo de um milhão de dólares como a VarioPrint i300, da Canon, a Pitney Bowes Accelejet, a Super Web Digital Webjet 200D (com cabeçotes Memjet) e as máquinas da Xerox, Brenva HD (folha) e Rialto (bobina).

Em paralelo, as jato de tinta de alta velocidade e alimentação contínua começam a alcançar os níveis de produtividade e qualidade do offset. A aplicação de *primer* em linha, cabeçotes de alta resolução, alta produtividade e novas formulações de tinta são os elementos-chave desse grupo de máquinas. Encaixam-se nesse patamar impressoras como a Océ ImageStream, da Canon, a HP PageWide Web Press HD, a Kodak Prosper, a Ricoh VC 60000, a Screen Truepress Jet520 HD e a Xerox Trivor 2400.

Segundo dados levantados por Bruno Mortara, mais de 500 fabricantes apresentaram soluções para a conversão e embalagem. Sistemas tradicionais e digitais estão mirando as pequenas tiragens e, é claro, os digitais têm os dados variáveis como vantagem única. Em relação às embalagens já está difícil localizar a zona de transição a partir da qual o digital deixa de ser eficiente economicamente e o analógico assume o espaço. No promocional/editorial essa faixa é ainda mais difusa. Para Benny Landa, a curva de rentabilidade do digital começa a cair nas tiragens próximas às 1.000 cópias, enquanto nas máquinas por ele desenvolvidas isso só acontece depois das 5.000 cópias.

Falando no “Steve Jobs” da indústria gráfica, para responder à questão que está na cabeça de todos — A nanografia chegou mesmo pra valer? —, Bruno Mortara foi logo apontando as empresas que a

Landa divulgou como compradoras de suas soluções: Quad/Graphics e Imagine!, nos Estados Unidos, e Cimpress, Colordruck Bayersbronn e Elanders, na Europa, com negócios somando US\$ 511 milhões. Para a produção de embalagens, a Landa apresentou a Nano-Metallography. Sua aplicação inicial é o enriquecimento do impresso, como o *hot stamping*. Segundo o fabricante o novo processo foi projetado para ter um custo 50% menor do que os sistemas atuais de metalização, *hot stamping*, *coldfoil* etc.

Com a promessa de substituir o offset com igual, ou melhor, qualidade e eficiência, as máquinas Landa utilizam cabeçotes piezoelétricos Fujifilm Dimatix Samba, com tecnologia MEMS, gerando gotas sob demanda numa resolução de 1.200 x 1.200 dpi, com quatro níveis de escala de cinza. Para vencer o limite de velocidade comum às digitais planas, a Landa adota uma blanqueta rotativa aquecida, sobre a qual é ejetada a tinta. O veículo aquoso evapora e a imagem seca é transferida para o substrato. A empresa mostrou na Drupa impressoras planas e rotativas para papel cartão, impressão comercial e embalagens flexíveis, de quatro a oito cores.

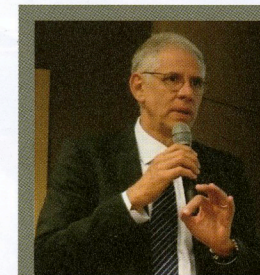
SOMATÓRIA

Coube a Bruno Cialone abordar os sistemas híbridos e analógicos. Ele ressaltou o apelo ecológico nas soluções de pré-impressão, com chapas livres de químicos e processadoras mais robustas. “Gente, o CtP continua aí!” Se as *platesetters* estão vivas é porque as impressoras offset também, e Cialone seguiu destacando algumas características encontradas nos novos modelos como a presença de densitômetros e espectrofotômetros para leitura em linha em todas as máquinas e a significativa redução dos tempos de acerto, alcançando a marca de três trocas em 10 minutos. “O *setup* rápido e o controle de processo mais eficaz são as armas do offset”, afirmou o especialista.

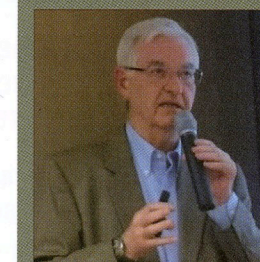
Para o presidente do Conselho Consultivo da ABTG, um dos movimentos mais significativos foi a junção de vários processos num mesmo equipamento, sobretudo com o desenvolvimento de soluções envolvendo duas ou mais empresas. Estavam juntas, por exemplo, Landa e Komori, HP e KBA, EFI e Esko, Komori e Konica Minolta, Bobst e Kodak, Heidelberg e Fujifilm, Screen e BHS, Pantone e Rutherford. Da parceria entre KBA e Xerox foi mostrada a impressora que mais impactou o especialista: a KBA VariJet 106. Trata-se de uma impressora plana digital voltada ao segmento de cartões, com formato de 40 polegadas. Ela agrega a estrutura do offset aos cabeçotes digitais, possibilita a impressão em substratos plásticos, celulósicos e



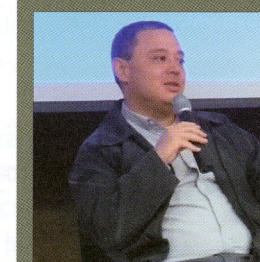
Segundo Bruno Mortara, a Drupa mostrou extensa gama de soluções para a demanda por customização de embalagens.



Bruno Mortara



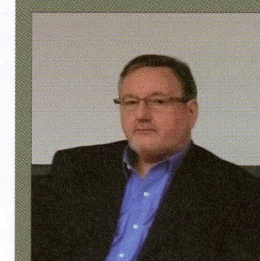
Bruno Cialone



Ricardo Minoru



Miguel Troccoli



Hamilton Terni Costa

converter cores especiais em cores de processo à presença de estações LVV (laranja, verde e violeta) nas impressoras.

ESPÍRITO RENOVADO

Para finalizar o seminário, a ABTG convidou **Jefferson Zompero**, instrutor do Senai Theobaldo De Nigris, **Miguel Troccoli**, gerente geral da PTC,



Um debate encerrou o terceiro dia do evento

Hamilton Terni Costa, consultor, e **Reinaldo Espinosa**, diretor de Relações Institucionais da Abigraf. "Lembro que há quatro anos, nesse mesmo pós-Drupa, chegou-se a questionar se haveria outra Drupa. A edição deste ano foi diferente, vibrante, mostrando uma indústria vigorosa, descobrindo novas possibilidades e capaz de oferecer ao segmento gráfico a chance de produzir itens ainda mais relevantes. Saí otimista", afirmou Hamilton Costa. Na visão de Reinaldo Espinosa, a feira alemã mostrou que a indústria gráfica não vai morrer, porém definitivamente não será a mesma. "Muito se fala da internet das coisas. Para mim estamos começando a viver a impressão das coisas", numa clara referência à impressão direta em suportes não convencionais e à impressão 3D. Já Miguel Troccoli falou com humor do propalado fim do offset. "Nós brasileiros somos um tanto desequilibrados. Por conta da invasão do offset no Brasil nas décadas de 1970 e 1980, só pensamos nele. Mas vou dizer para vocês, existe vida inteligente além do offset. Ele não está indo mal, só está mudando."

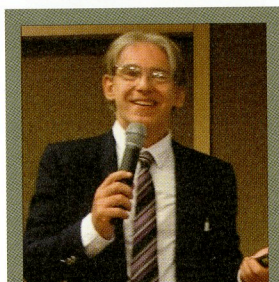
Antes de entrar na discussão se a impressão 3D faz ou não parte do universo gráfico, os profissionais falaram da mudança na periodicidade da feira. Com o evento já em andamento, a Messe Düsseldorf anunciou que a próxima edição será em 2020 e não mais daqui a três anos, como divulgado em 2012. "Foi da noite para o dia. Tiraram todos os banners e a sinalização de 'nos vemos em 2019' e anunciaram a decisão de voltar para 2020", contou Bruno Cialone. "Soubemos que um expositor de peso pressionou os organizadores argumentando que a antecipação representaria uma elevação de 30% ao ano em seus custos de marketing", comentou Hamilton Costa. Na plateia, **Francisco Veloso**, novo presidente da ABTG, citou a retração na economia mundial como outro fator a influir na decisão da organizadora.

O evento foi patrocinado pela Canon, representada por **Aloysio Martins**, gerente comercial responsável pela linha de alto volume, e **Fabiano Peres**, supervisor de canais de venda. □

metalizados, podendo contar com unidade de impressão serigráfica, *coldfoil* e facas rotativas de corte. "A forma como a KBA se mostrou, colocando-se como um provedor de soluções customizadas, foi muito interessante. Vimos essa postura em vários fornecedores, investindo em máquinas modulares que são construídas a partir das necessidades de cada um." Outra das vedetes da feira foi a Bobst, que também deu um passo além de suas fronteiras com a M6, impressora UV digital flexo focada no segmento de embalagens alimentícias em cartão e suportes flexíveis. "Ela traz um conceito novo na unidade de impressão, que eles chamam de V-Flower: enquanto um conjunto de clichês *sleeve* está sendo usado na impressão de um trabalho, a máquina já está com outro pronto, reduzindo a troca de trabalho para apenas um minuto [*tempo informado pelo fabricante*]."

A primeira noite foi encerrada com um debate entre os dois Brunos e dois convidados: **Hermínio Alves de Araujo**, gerente industrial da Emibra Embalagens, e **Ricardo Minoru**, consultor da ABTG e sócio da Bytes&Types. A conversa girou sobre os sistemas de acabamento para embalagens, com a constatação do aumento da velocidade das linhas de fechamento de cartuchos, com modelos tão rápidos quanto as impressoras, e da apresentação de módulos de pós-impressão para serem acoplados às impressoras digitais.

No dia 28, Mortara e Cialone abordaram os mesmos temas, contudo com o viés dos segmentos editorial e promocional. O último dia foi reservado ao debate. Mais uma vez os Brunos iniciaram os trabalhos, pontuando inovações como a expansão das tintas base água (inclusive nos equipamentos Landi), a cura EB (*electron beam*) com unidades que podem ser acopladas às impressoras e a presença de pré-tratamento nas máquinas digitais jato de tinta aplicado apenas nas áreas a serem impressas. O *gamut* expandido estava tanto nos processos convencionais quanto nos digitais. A maior gama de cores, que possibilita a substituição dos Pantones, vai dos recursos de pré-impressão capazes de



Aloysio Martins



Fabiano Peres

DRUPA 2016

Área total: 305.400 m²
em 19 pavilhões
(262.000 m² de área útil)

Expositores: 1.837

Visitantes: 260 mil
(188 países)

Jornalistas e
analistas: 1.900

Visitantes
brasileiros: 1.493

Países com o maior
número de expositores:
Alemanha (532), China
(297), Itália (168),
Estados Unidos (104),
Holanda (76), Suíça
(65). O Brasil esteve
presente com sete
expositores, dos quais
um estande conjunto
Abigraf/Afeigraf.